

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2017 - ANO XXI - Nº 249

EDITORIAL

Em momento de tamanha crise político-econômica provocada pela corrupção por que passa o país, devemos parabenizar o município cujo administrador mantém as finanças organizadas e não dá espaço para desvios.

Estudos apontam que é cada vez mais importante se ter à frente da administração municipal pessoas idôneas e comprometidas com a coisa pública. Quase a totalidade dos 5.570 municípios brasileiros são muito pobres, carecem de recursos próprios, têm o orçamento quase todo comprometido com folha de pagamento e despesas vinculadas, restando quase nada para as obras desejadas pela população, ficando dependentes, majoritariamente, de repasses estaduais e federais. O último Balanço do Setor Público Nacional feito pela Secretaria do Tesouro Nacional em agosto deste ano mostra que em 82% deles, pelo menos três quartos das despesas dependem desse tipo de recurso. Mesmo com essa carência, a corrupção é grande nesses pequenos municípios. É praticamente impossível dimensionar o total de recursos perdidos em fraudes e corrupção no Brasil. Em três anos, mais de 10 bilhões de reais foram desviados dos cofres públicos municipais em todo o país. O volume descoberto e investigado pelas autoridades assusta. São crimes que não têm a mesma visibilidade que a Operação Lava Jato, mas que têm impacto ainda mais devastador. Algumas dessas cidades ostentam os piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil. Das 370 operações contra fraudes e corrupção realizadas pela Polícia Federal, Controladoria Geral da União e Ministério Público entre março de 2014 e março de 2017, a maioria ocorreu no Nordeste, seguido pelas regiões Norte e Centro-Oeste. O rombo nos cofres públicos poderia ter sido ainda maior se as autoridades não conseguissem estancar outras fraudes que totalizariam prejuízo estimado em outros 12 bilhões. Nessas operações são evidenciados desde defalques milionários até o desvio de pequenas quantias. No Norte, por exemplo, de 64 licitações realizadas numa pequena cidade, 44 estavam fraudadas. Em outra, o rombo no erário correspondia à quase totalidade da arrecadação municipal.

Todos têm grande expectativa e sonham com grandes obras e melhorias em suas cidades. No entanto, como mostram dados do próprio governo, os recursos desviados deixam de ser investidos em obras básicas. A Lava Jato, investigando políticos corruptos, está chegando aos pequenos municípios. Fica o alerta para a população quando forem escolher seus novos representantes.



Reprodução da Internet

“O destino: Aparecida. Nos olhos, o verde dos longos caminhos percorridos e o brilho da devoção à Virgem Morena. Contemplá-la e murmurar-lhe preces compensam o sacrifício de tanto cansaço e desconforto. Há tanta coisa para lhe confiar e pedir...”. (Chico Máximo)

Sejamos sempre devotos da Senhora Aparecida

Temos em nossas igrejas, espalhadas por todo o território de nosso país, uma infinidade de obras de arte sacra. Nosso acervo de arte escultórica é riquíssimo e de variados estilos. Quando viajamos às cidades históricas de Minas Gerais, por exemplo, ficamos extasiados com tamanha beleza, esplendor e riqueza das igrejas barrocas.

Na cidade de Tiradentes encontra-se uma das mais belas e requintadas igrejas mineiras, a Matriz de Santo Antônio. No início do ano estive a visitá-la. Por conta da celebração dos 300 anos da retirada da imagem de Nossa Senhora da Conceição das águas do Rio Paraíba, havia, próximo ao altar do padroeiro, uma pequena imagem da Virgem Aparecida. Uma grã-fina senhora disse ao seu companheiro: “Esta Nossa Senhora Aparecida não está combinando com nada aqui”. No momento achei aquela senhora muito desafortada.

Quando faço minhas rezas, costumo me recordar de alguns fatos que me chamaram a atenção durante o dia. Quase sempre são coisas corriqueiras e sem muita importância. Nas pequenas coisas podemos encontrar grandes ensinamentos para a vida. As palavras daquela senhora conservaram-se em minha memória e foram recordadas no momento de minha oração noturna. Ela dissera uma verdade. De fato aquela imagenzinha da Senhora Aparecida não parecia bem colocada naquele altar ornado em ouro tirado da terra por escravizados e doado à igreja pelos seus senhores, donos das minas.

Fiquei a me perguntar, até que viesse o sono: entre tantas esculturas de nosso acervo nacional, tantas tão bem esculpidas, com belíssimas policromias, ricas em ouro e até mesmo em preciosa pedraria, por que uma imagem tão pequenina, de terracota, sem qualquer adorno ou riqueza, tornou-se tão querida por nosso povo, tornou-se a padroeira de nossa Nação?

Deus entregou-nos um sinal cheio de significados, uma Virgem pobre, pequenina, negra como os escravizados, quebrada como nosso povo mais sofrido, oprimido pela miséria e outros desalentos. A Virgem apareceu identificada com os últimos, com os excluídos. Nela, os invisíveis da sociedade de trezentos anos atrás e também os de hoje podem ser vistos e lembrados.

Contemplar a humilde Senhora aparecida nas águas do Paraíba faz brotar em nosso interior um constante chamado à conversão. A Igreja, como a Virgem, deve ser pobre, despojada, pequena, identificada com os últimos da sociedade. Deve assumir as cores, as culturas e as faces de nossa gente.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida é uma verdadeira espiritualidade cristã: nos ensina o itinerário seguramente evangélico do esvaziamento, da humildade e do compromisso com os crucificados do mundo.

Muito acertadamente canta nosso povo: “Se quisermos ser felizes, nesta e na outra vida, sejamos sempre devotos da Senhora Aparecida...”

Pe. Fabrício Beckmann

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Romaria a Aparecida

No final da década de 1940 esteve à frente da paróquia de São Miguel o padre Juca.

Francisco von Atzinger era seu nome. Chegou a Piquete em 1º de janeiro de 1946 e logo ganhou a admiração dos paroquianos por seu trabalho de evangelização e pela forte devoção a Maria Santíssima. Entre seu trabalho pastoral, coordenou várias romarias a Aparecida, que se tornaram famosas pela organização e pelo grande envolvimento da comunidade, recebeu e estimulou missões religiosas e promoveu a Páscoa dos Operários.

Em abril de 1949, padres redentoristas vieram pregar uma dessas Santas Missões. Foi um evento memorável. Chegaram numa manhã de domingo, num carro especial, trazendo uma réplica da imagem milagrosa de Nossa Senhora Aparecida. Uma multidão aguardava à entrada da cidade para saudar Nossa Senhora com cânticos, vivas e foguetório. Em procissão, percorreram ruas da cidade. Durante os dias da Missão, pela manhã havia celebração de missa com exposição do Santíssimo e pregações. Foram dias de muito trabalho, com confissões, comunhão geral, conferências para jovens e adultos e um dia especialmente dedicado aos operários.

No dia 1º de Maio, junto à programação da Festa do Operário, foi celebrada, às 7h, missa campal em frente ao Hospital da FPV. O operariado, uniformizado, autoridades civis e militares, as irmãs salesianas, recém-chegadas a Piquete, e a comunidade católica participaram desse acontecimento. Às 16h, grande procissão com a imagem de Nossa Senhora Aparecida percorreu ruas da cidade,

embandeiradas e cobertas por um tapete de flores e folhas. Arcos de triunfo foram erguidos e as casas com bandeiras verdes e amarelas e amarelas e brancas – as cores do Brasil e do Papa.

Essa Santa Missão dos padres redentoristas com a imagem de Aparecida deixou os paroquianos transbordando de alegria e revigorados em sua fé e o padre Juca, entusiasmado com o resultado, resolveu retribuir a visita da imagem peregrina promovendo uma grande romaria ao Santuário Mariano de Aparecida. Essa Romaria tornou-se um dos mais importantes acontecimentos da Paróquia de São Miguel dentro da programação espiritual pensada pelo vigário padre Juca para o Ano Santo de 1950.

Preparada desde o começo de junho, a Romaria foi um sucesso. No domingo, 6 de agosto, dia do Senhor Bom Jesus, a romaria seguiu para a Basílica Nacional com, nada mais, nada menos, cerca de 1.800 pessoas, entre elas 200 crianças. A Central do Brasil acolheu o pedido do padre Juca e cedeu dezessete carros de segunda classe, os quais ficaram lotados com os romeiros. Partiram bem cedo da estação ferroviária Rodrigues Alves. Na plataforma, havia muita alegria e organização no embarque. O padre, entusiasmado, percorria os vagões animando a cantoria e puxando orações. Não houve a menor perturbação da ordem. Fizeram parte desse evento todas as irmandades, com bandeiras, estandartes e distintivos. Os andores de Nossa Senhora Aparecida e de São Benedito foram enfeitados com flores. A Banda da FPV participou com vinte e cinco músicos. Também fez parte do grupo uma patrulha do

Contingente, para garantir a ordem.

O programa elaborado pelo padre Juca foi cumprido à risca. Em Aparecida, fez-se uma procissão da estação ferroviária até o Santuário Nacional, que provocou admiração naquela cidade. A recepção foi solene. O bispo de Lorena, Dom Luiz Gonzaga Peluso, celebrou à porta da Basílica e deu a comunhão aos peregrinos piquetenses. O padre Vítor Coelho, piedoso missionário, saudou os romeiros durante a missa. Pregou entusiasmando a todos.

Após a cerimônia, fez-se a via-sacra ao Cruzeiro e a procissão do Santíssimo Sacramento. Em seguida, a despedida, a volta à estação e o retorno a Piquete. Como lembrança daquela romaria, foi adquirida pelos romeiros de Piquete a segunda estação da via-sacra ao Cruzeiro, na qual foi colocada uma placa de bronze comemorativa, com as seguintes inscrições: “Paróquia de Piquete – Lembrança da Romaria – 6 de agosto de 1950”.

O sucesso dessa romaria fez com que o padre Juca organizasse outras. Mesmo após sua partida de Piquete, a comunidade continuou a organizar peregrinações a Aparecida. Após sua morte, em 1957, foi criada, em sua homenagem, a “Romaria Ciclistica Padre Juca”, que perdura até os dias de hoje.

Fotos: 01: Cerca de 1800 romeiros piquetenses durante o desembarque na estação ferroviária de Aparecida. 02: Em procissão com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, os peregrinos piquetenses se dirigem ao Santuário Nacional. 03: Em procissão, piquetenses caminham para o Cruzeiro. 04: Cerimônia de desceramento da placa de bronze alusiva à romaria, em 6 de agosto 1950.

GENTE DA CIDADE

Suely Villar

Todo cidadão tem guardado na memória a figura de um professor, que lhe traz gratas recordações e que contribuiu para sua formação acadêmica e humanística.

Os anos passam... O conhecimento é acumulado, algum esquecido, outro ultrapassado, mas os valores essenciais são eternos, de maneira que a lembrança de um professor que tenha concorrido para o aprendizado permanece. Somos frutos de alguns desses profissionais da educação, que, pela paixão, paciência, inteligência e dedicação para ensinar, nos marcaram para sempre. O que seria da sociedade se não existisse o professor? Onde estariam os médicos, engenheiros, diplomatas, cientistas, técnicos e todos os outros profissionais se não tivessem contado com sua atuação? Daí a importância do professor e o lugar de destaque que ele merece ocupar na sociedade.

Neste mês de outubro, quando se comemora o Dia do Professor, homenageamos a professora Suely Villar, e, por meio dela, todos os que se dedicam ao ofício de ensinar.

De tradicionais famílias piquetenses, Brito e Villa, Suely Brito Villar Torino nasceu em 26 de novembro de 1939. É uma das nove filhas de Maria de Lourdes Brito Villar e Alcides Villar. Sua mãe, dona Milita, conceituada professora do Grupo Escolar Antônio João, formou gerações de piquetenses e influenciou as quatro filhas, que também se tornaram professoras. Suely foi aluna do Departamento Educacional mantido pela Fábrica Presidente Vargas, ao que tributa sua formação de qualidade, também foi oferecida a todos os piquetenses. As diversas Escolas do Departamento Educacional eram consideradas modelo. Atraíam estudantes da região. O corpo docente primoroso. Havia um diretor para cada instituição de ensino, o qual primava pela qualidade dos cursos oferecidos. Seu professor Lutgardes de Oliveira, diretor do Ginásio da FPV, que Suely frequentou, era enérgico e impunha ordem e disciplina entre os alunos. Mais severo, ainda, era o professor Leopoldo Marcondes de Moura Netto, diretor da Escola Normal Livre Duque de Caxias. A Escola Normal era referência. A formação ministrada pelo corpo docente, sob observação do diretor, era impecável tanto no Pré-Normal, quanto na Escola Normal. Suely guarda boas recordações da professora Ricarda Godoy, de Didática, do professor militar, major Licínio



Ribeiro Viana, de Estatística, disciplina em que muitos tinham dificuldade, mas que Suely gabaritava e ensinava os colegas. Lembra-se, também, do professor Nelson Pesciotta, de Sociologia, que ensinava os alunos a raciocinar e pensar os problemas brasileiros. Recordar-se dos desfiles cívicos, dos uniformes impecáveis, da disciplina mantida só pelo olhar pelo professor Leopoldo e dos 21 colegas que se formaram com ela no dia 21 de dezembro de 1958.

Recém-formada no Magistério, Suely tornou-se professora substituta no Grupo Escolar da FPV. Mais tarde, lecionou em Natividade da Serra. Por essa época, conheceu o jogador de futebol Celso Torino, recém-chegado do Taubaté contratado pelo Esporte Clube Estrela, cujo técnico à época era seu pai, Alcides Villar. Suely, então, foi transferida, por concurso, para lecionar no Grupo Escolar Darwin Felix. cursou Pedagogia e aposentou-se como Coordenadora, em 1984. Suely e Celso casaram-se em 1964 e tiveram dois filhos: Celsinho e Patrícia.

Suely é pessoa muito crítica, antenada com o momento presente por que passa o país. Escreve esporadicamente para jornais crônicas memorialísticas e sobre temas atuais. Voluntária há muitos anos na Liga Feminina de Combate ao Câncer, trabalhou em várias campanhas daquela entidade. Gosta muito de viajar e, como toda avó coruja, de contar as proezas dos quatro netos. Na rua onde mora, uma das principais artérias da cidade, vê passar seus ex-alunos, hoje bem formados e chefes de família. Fica evidente o perfil da professora, orgulhosa do papel de educadora, cujo ofício levou a muitas gerações conhecimentos que aplicarão vida a fora.

A história em documentos e imagens

A Fundação Christiano Rosa cedeu 30 imagens para a exposição “Paróquia São Miguel Arcanjo: sua história em fotos”, montada com a finalidade de ser uma das atrações que deram início às celebrações do ano jubilar da Paróquia. Muitos se surpreenderam com a riqueza de conteúdo das imagens, que retratam parte da história dos 130 anos de instituição da primeira paróquia de Piquete. A fotografia mais antiga, por exemplo, data de 1900. Mais surpresas ficariam se soubessem que esta é uma amostra muito pequena do inestimável acervo de documentos e imagens que detém a Fundação Christiano Rosa.

Ao longo de seus quase 22 anos e 249 edições, O ESTAFETA vem enriquecendo seus artigos com parte desse acervo que ilustra as páginas deste informativo, distribuído gratuitamente pela cidade e disponível, já há alguns anos na internet (www.issuu.com/oestafeta). Também foram muitas as exposições montadas no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, que retrataram parte da história de Piquete e de seus cidadãos.

Há que se estimular o conhecimento de nossa história a fim de que se desenvolvam o respeito e o amor por Piquete. A Fundação Christiano Rosa, desde sua instituição, em 1997, persegue esse objetivo por meio deste seu informativo O ESTAFETA e, a cada ano, por meio da pesquisa constante e do garimpo de imagens com famílias antigas de nossa cidade, enriquece seu acervo. A intenção, coerente com os objetivos da Fundação, é continuar sua divulgação.

Disponível para todos os piquetenses, o arquivo da Fundação é constantemente procurado por alunos de graduação e pós-graduação de faculdades da região.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Organização do Trabalho

Frequentemente somos assaltados por notícias impactantes a respeito do aviltamento nas condições de trabalho.

Cidadãos brasileiros se entregam a ocupações penosas, insalubres, muitas vezes, sem recompensa alguma pela necessidade que têm dos aviamentos dos atravessadores.

Podemos citar dois exemplos flagrantes. No Nordeste, pessoas que perdem as impressões digitais no trato da castanha de caju; na Amazônia, mulheres e crianças expostas à Doença de Chagas na coleta da piaçaba.

Dois modelos de organização do trabalho são muito conhecidos no Brasil: as Cooperativas e a Integração.

As Cooperativas exigem propriedades de certo porte e experiência na atividade. Atuam como facilitadores na aquisição de insumos, de máquinas, na assistência técnica e na comercialização. No final do processo, há a divisão dos lucros.

Na Integração, a Central Integradora responde por quase todos os itens do processo. Aos Integrados cabem as instalações em cada propriedade e o trabalho de natureza familiar.

Exemplificando:

Produto final frango vivo. Prontas as instalações de acordo com as instruções da Central, o Integrado recebe o pintinho, a ração, a vacina e toda a assistência técnica; entrega à Central o frango pronto para a comercialização e recebe remuneração de acordo com o contrato.

O brasileiro precisa garantir o sustento de sua família. A presença da Polícia e dos Fiscais do Trabalho para conter as distorções não resolve o problema de sua sobrevivência.

A atuação do Poder Público é absolutamente necessária – como educador e avalista.

A Integração será introduzida a partir de produtos bem aceitos pelo mercado como a castanha de caju, o mel, o óleo de babaçu, o açaí e a castanha-do-pará.

Percebida como processo viável será estendida a outras áreas como a das fibras, juta e sisal, e da piaçaba.

O julgamento do assassinato da missionária Dorothy Stang revelou ao país e ao mundo a precariedade das relações de trabalho em larga faixa do mapa nacional.

O momento oportuno é agora. Não podemos mostrar ao mundo o retrato de um trabalhador analfabeto, desdentado, maleitoso e chagástico. Seja esta a última geração a experimentar o descaso dos que se dizem iguais.

Quando terminei a Graduação, 1962, a favela do Rio de Janeiro era o “barracão de zinco pendurado no morro; a Maria da lata d’água sonhava com a vida no asfalto.

O sonho da Maria era realizável.

Agora, quem ousará urbanizar a Rocinha, o Complexo da Maré, o Complexo da Penha, o Complexo do Alemão?

Só espero que as balas perdidas dos Pontos 50, dos AK 47 não perfurem os Surdos de Primeira, os Surdos de Segunda e as Caixas Claras, porque, apesar dos pesares, temos a melhor percussão do planeta.

E o povo especialíssimo de Darcy Ribeiro ainda consegue cantar.

Abigayl Lea da Silva

São Miguel Arcanjo: a Paróquia e a festa

A comunidade católica piquetense celebrou no mês de setembro seu padroeiro São Miguel Arcanjo.

Incentivados pelo padre Fernando Sampaio, os paroquianos se uniram e fizeram uma novena com partes religiosa e profana como havia muito não se via em Piquete. Na igreja Matriz de São Miguel, toda reformada com base em doações da comunidade, as missas, celebradas diariamente, ficaram repletas de fiéis. Ao longo da novena, a praça da Matriz ficou animada com a quermesse, que contou com shows de artistas de Piquete e da região. Havia barracas com lanches, doces, jogos e brinquedos para as crianças.

Destaque da Festa de São Miguel deste ano foi, certamente, o trabalho da comissão organizadora, que não mediu esforços para garantir o brilhantismo da celebração do padroeiro. O grupo vem trabalhando desde o início deste ano promovendo almoços, rifas e outros eventos para arrecadar fundos para a festa e também para a reforma da Matriz.

Aniversário da Paróquia São Miguel

A Paróquia São Miguel Arcanjo entrou no ano jubilar de seu 130º aniversário, a ser comemorado em 7 de outubro de 2018.

As festividades começaram no dia 6 de outubro, com a abertura de uma exposição

fotográfica e a apresentação da Banda Sinfônica da Escola de Especialistas da Aeronáutica de Guaratinguetá. No dia 7, houve missa solene na Antiga Matriz.

A Banda da Escola de Especialistas da Aeronáutica fez belíssima apresentação na Igreja Matriz e emocionou os presentes.

A exposição “Paróquia de São Miguel Arcanjo: sua história em fotos” consta de 30 fotografias do acervo da Fundação Christiano Rosa, que contam parte da história dos 130 anos da Paróquia. Estão expostos, ainda, seis painéis com fotografias atuais da Matriz de São Miguel e da Igreja de São Miguel e Almas, nossa Antiga Matriz.



Democracia eclesial

No último dia 27, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4.439, movida pela Procuradoria-Geral da República (PGR) com o intuito de impugnar o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96) e um acordo firmado entre o Brasil e a Santa Sé para o ensino religioso nas escolas brasileiras. Segundo a PGR, a medida que tais normas não vedavam o ensino confessional da referida disciplina – aquele com orientação religiosa específica –, essas atentariam contra a laicidade do Estado, que, desde sua primeira constituição republicana, a de 1891, vê-se formalmente separado da Igreja. A ação, no entanto, acabou julgada como improcedente por uma maioria apertada dos ministros – 6 votos a 5 – que majoritariamente alegaram não haver por parte dos formuladores da Constituição de 1988 intenção de vedar tal modalidade de ensino.

Deixando de lado a questão jurídica, mais pertinente aos magistrados, cabe-nos uma reflexão, enquanto membros de uma sociedade plural e democrática, sobre os limites que as religiões devem encontrar em sua relação com o Estado em uma república. Não é novidade nenhuma que as religiões, em especial as cristãs, desfrutam de enormes privilégios na sociedade brasileira:

Constroem templos gigantescos e suntuosos sem o pagamento de sequer um centavo de imposto, se intrometem em discussões nas quais não têm nada a dizer – afinal, o que um pastor ou um padre sabem sobre a legitimidade política do casamento homoafetivo ou das definições científicas sobre o que é ou não uma vida? – e ainda dispõem, como confirmou a decisão do STF, de uma cátedra específica nas escolas de ensino fundamental para falarem sobre si mesmas e seus credos.

Alguém pode dizer que o ensino religioso não confessional, dotado de uma perspectiva histórica e com o intuito de informar acerca dos diferentes credos existentes no mundo, poderia cumprir um papel importante, especialmente ensinando a tolerância, na formação educacional das crianças brasileiras – afirmação essa da qual não discordo. No entanto, pergunto-me o que tornaria especificamente o ensino religioso mais importante que tantas outras disciplinas para que estivesse nas grades curriculares brasileiras em detrimento dessas outras. Seria o ensino sobre a história das religiões matéria mais importante que noções de economia ou introdução a princípios de filosofia política, por exemplo? Um lugar reservado para o assunto nas aulas de história já não seria suficiente? Provavelmente essas perguntas nunca sequer foram postas à mesa.

A opção apriorística pelo ensino religioso é ilustrativa das regalias da religião no Brasil.

Essa condição privilegiada, como sabemos, tem uma base material: a extensa maioria da população, quase 90% dos brasileiros, segundo o Censo 2010, são cristãos católicos ou evangélicos. Esse fato costuma, inclusive, ser mobilizado pelos religiosos para justificar os privilégios dos quais falamos aqui: se a democracia é o governo do povo e se realiza a partir das decisões de majorias, nada mais justo – dizem eles – que essas vontades se façam leis. É nesse raciocínio, no entanto, que reside a tremenda incompreensão acerca do significado da palavra “democracia”: Como já definiram seus teóricos, esse regime não é um mero procedimento no qual majorias fazem valer suas vontades. A democracia possui também um conteúdo, princípios como a liberdade individual e a tolerância para com minorias, que não pode ser vilipendiado, sob o risco de, ao fazê-lo, degenerar o próprio regime democrático numa espécie de tirania de vontades majoritárias. A presença do ensino religioso nas escolas, sobretudo em sua modalidade de confissão, é mais um fato que atesta nossa incapacidade de assimilar a democracia como um regime social.

Rafael Domingues de Lima

Carta aos Professores

Caros Professores,

Espero encontrá-los bem, dispostos e com fôlego para concluir o ano letivo com êxito. Estamos em outubro. E vem aí mais um 15 de outubro. Mais um dia do professor. Desde 15 de outubro de 1827, data em que D Pedro I publicou um decreto que determinava a criação de Escolas no Brasil, comemoramos o dia do professor nesta data. Há tanto o que falarmos sobre isso, não é mesmo?

Começamos, então, refletindo sobre os motivos para comemorar. Temos motivos? Sim, temos. De 1827 para cá, tivemos o reconhecimento do magistério como profissão, a abertura de concursos públicos, a definição de piso salarial nacional e, principalmente, a evolução da Pedagogia como ciência.

Embora tenha se tornado uma profissão, alguns atributos da profissionalidade ainda não foram alcançados, não é mesmo? Vocês professores lutaram e continuam lutando por melhores salários, por mudanças nas condições de trabalho e por um carreira mais atraente. A sociedade brasileira, penso que vocês concordam comigo, diferente das sociedades de países como Japão, Coreia

do Norte e Finlândia, não tem a educação como prioridade e não reconhece o seu papel transformador. Acima de tudo, ignora que o desenvolvimento de uma nação está condicionado à qualidade da educação.

Convido-os agora a refletir sobre a identidade do professor. Quem são vocês professores? Nessa caminhada até os dias de hoje, o entendimento sobre o exercício do magistério oscilou entre diferentes correntes que resultaram em diferentes modelos de professor: professor-técnico, professor-educador, professor-pesquisador, professor-reflexivo, entre outros. Na mesma lógica, houve momentos em que as técnicas eram privilegiadas; em outros, o processo. Momentos em que os alunos eram o centro da aprendizagem; em outros, estiveram ocultos. Momentos em que a ênfase esteve no professor e nos saberes. E seguimos assim, tentando encontrar o equilíbrio. Sugiro que busquem esse equilíbrio nas evidências científicas e nas boas experiências.

Feitas essas reflexões, aproveito para pedir a vocês, professores, que sejam bons profissionais, que estudem e que não parem de evoluir, que tentem não perder a paixão

do início de carreira, que não percam o bom humor e que não deixem apagar a veia artística que faz de você um ator de muitas artes quando o palco é a sala de aula. Preocupem-se mais em fazer os alunos pensarem do que apenas assistirem aulas. Façam a diferença na vida dos estudantes por meio do exemplo, da postura ética, da seriedade, do comprometimento e do engajamento em relação ao sucesso de cada um. Por favor, não percam a noção de que o ensino é relacional e, portanto, prescinde de boas relações e de afetividade para atingir bons resultados!

Sim, professores, estou lhes pedindo que sejam profissionais competentes e que dominem os conhecimentos teóricos e práticos da profissão, mas também que tenham clara a noção de sociedade e que homens querem formar. Estou lhes pedindo, ainda, que não abandonem a luta pelo reconhecimento da educação. Perdoem-me se lhes peço demais, mas acredito no poder transformador de vocês.

Por fim, encerro enviando-lhes meus efusivos parabéns! Viva os professores!

Sintam-se calorosamente abraçados.

Laura Chaves!

Crônicas Pitorescas

Cola em um ato, para estudantes de estatística

Palmyro Masiero

Juiz: Senhoras e senhores, estamos neste tribunal para julgar o réu aqui presente, o senhor *Quartil*, acusado de ter assassinado sua esposa, a senhora *Moda*, durante uma aula de Estatística. Com a palavra o promotor de justiça.

Promotor: Meritíssimo senhor juiz. Senhoras e senhores. Vê-se na *Legenda* do senhor *Quartil* que o mesmo há muito tempo tem Dado Amostra de possuir uma vida Variável Aleatória. É visto com Frequência Percentual com o senhor Enézimo, reconhecidamente indefinido, em *Amostragem* além da *Curva Normal*. Olhando seu *Rol*, depara-se com uma *Série de Tendências* para o *Método Agressivo Simples*, condenado pelas *Médias Ponderadas*. E, senhores, *Variáveis Contínuas*!

O réu aqui presente não passa de um simples *Fenômeno*, que muitas vezes foi encontrado fantasiado em *Decil* ou *Percen-til*, em *Correlação* com a *Variância*, que, sabemos, é definida em um *Conjunto* como o *Quadrado* do *Desvio Padrão*, deixando a pobre *Moda* sozinha em sua *Tabela*, sem quaisquer *Funções*. Se não bastasse, afastou-a de seus *Parênteses*, extraiu a *Raiz Quadrada* de seu *Universo*, não lhe deixando sequer um *Triângulo de Pascal* ou um simples *Colchete*, eliminando-a, por fim, sem a menor *Interpolação*! Peço, por isso, sua condenação, senhores jurados! Condenem-no a ficar em *Tabelas de Contingência*, onde apenas vislumbre alguns *Dados Não Agrupados*, lugar onde sua *Amplitude* jamais passe de um simples *Limite Inferior*. É só, senhor Juiz!

Juiz: Tem a palavra a Defesa.

Defesa: Meritíssimo senhor Juiz. Senhoras e Senhores. Esse *Somatório* de acusações não passa de *Hipótese Nula*. É de *Total* importância que processemos a uma *Regressão* na vida do casal para sentirmos seu *Índice Por Estação*.

Eles se conheceram numa *Coleta de Dados*, namoraram no maior *Setor* de um *Gráfico Circular* e constituíram família no *Primeiro Quadrante* de um *Sistema de Coordenadas Retangulares*. Nas primeiras *Frequências* viveram em *Média Harmônica*, em alta *Porcentagem*, cada um procurando o *Qui Quadrado* do outro. Mas, nos *Intervalos*, a *Moda*, sua esposa, foi perdendo a *Classe*. O seu amor pelo *Quartil*, que teve início nos *Movimentos Característicos* das *Séries Temporais*, caiu em *Dicotomia* pela sua *Frequência Marginal*. Meu constituinte tentou, sem conseguir, a *Correção de Yates* para a *Continuidade*. Esforçava-se, pois queria que sua *União* chegasse a um *Hiperplano* em um *Espaço Quadrimensional*. Tudo em *Vão*!

Desconfiou que essa *Ocorrência* tivesse uma *Causa*. E o *Quartil* descobriu o porquê de sua *Variância*: era *Combinada*! Encontrou-se em colóquio *Leptocúrtico* com um *Gráfico de Colunas*. Desesperado, o *Quartil* viu que ela não passava de uma simples *Mediana*, oriunda de um reles P.M. *Modificado*.

Diante dessa *Interferência Estatística*, vendo seus *Limites Reais de Classe* atingidos, meu constituinte teve um *Desvio Quartílico*. Num gesto tresloucado, apanhou a primeira *Fórmula* de uma *Média Quadrática* que encontrou, elevou-a ao *Quadrado* em desespero e chegou à *Dedução Das Equações Normais de Reta de Mínimos Quadrados*, perdendo, por completo, o *Controle de Charlier*. Peço sua absolvição, senhores jurados!

(Pausa)

Juiz: Os jurados concluíram que o acusado é... culpado! Em nome das *Leis Estatísticas*, este tribunal condena o réu a passar o *Resto* de seus dias na *Interseção* das *Coordenadas* com as *Abcissas*, nas páginas de um *Livro de Estatística*, fechado!

(Pano rápido. Fogo na Prova!)

Paróquia São Miguel Arcanjo - 129 anos



A Paróquia São Miguel Arcanjo, em Piquete/SP, foi criada em 7 de outubro de 1888, por portaria de Dom Luiz Deodato de Carvalho, bispo de São Paulo. Para seu pároco foi nomeado o padre Francisco Filippo, que assumiu em 1º de novembro daquele ano e, por diversos motivos, aqui ficou por apenas seis meses. No curto espaço de tempo em Piquete, padre Filippo trabalhou com afinho e realizou casamentos e batizados, além de um trabalho de evangelização. O que sustentou a vida da Matriz e manteve acesa a fé foram os movimentos eclesiais, com reza do terço, ladainhas e outras devoções. O espírito da tradição garantiu a continuidade, passando os rituais de pais para filhos. Em 1934, chegava para residir e paróquiar a Matriz de São Miguel o padre João Marcondes Guimarães.

Quem explica a fé?

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O que leva alguém a percorrer cerca de 500km numa cadeira de rodas? Por qual motivo uma pessoa caminha cerca de 800km? Qual a razão de, sob sol escaldante e de joelhos, se percorrer cerca de 300m ou se subir 365 degraus? É em nome da fé que muitos fazem sacrifícios assim...

Por mais que tentem, muitos não entendem o sacrifício dessas pessoas. Desdenham, inclusive. Julgo, no mínimo, infeliz essa postura. Particularmente falando, emociono-me com demonstrações sinceras de fé, que evidencio, especialmente, em nossas cidades interioranas, menores em população, mas gigantes em espiritualidade, em manifestações culturais tradicionais.

Neste 2017, nossa região encontra-se em festa em função das comemorações dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida por pescadores que a retiraram das águas do Rio Paraíba em dois momentos – na primeira, seu corpo; depois, a cabeça. Essa pequena imagem de barro atrai peregrinos de todo o Brasil ao longo de todo o ano. São milhões que vêm demonstrar o amor, o carinho e o respeito pela “santa do povo”.

Mas não é apenas no Santuário de Aparecida que se evidenciam atos de fé... Em minha Piquete, o padroeiro São Miguel Arcanjo merece o mesmo carinho que a padroeira do Brasil. Em Cunha, o Divino Espírito Santo arranca lágrimas da gente simples da roça e dos doutores da cidade. Em Cachoeira Paulista, os fiéis celebram a Santa Cabeça... Cada comunidade cultua seu protetor de acordo com suas tradições. E o fazem com festas, com devoção, com sacrifícios, com promessas. Cada um a sua maneira, mas, todos, com sua fé!

As religiões têm, individualmente, seus preceitos e dogmas. Todas, porém, pregam o bem. Não há religiões que divulguem a maldade, a ira. Há, sim, os que interpretam seus conceitos de forma errônea, com vieses obtusos e voltados a atender interesses particulares. É dessa interpretação torpe que surgem a intolerância e a falta de diálogo. Um ensinamento comum a toda fé é o amor ao próximo; se o entendêssemos e o praticássemos, o mundo seria, certamente, muito melhor. Sabiamente, Francisco já nos orientou para que “cuidemos do nosso coração porque é de lá que sai o que é bom e ruim, o que constrói e destrói”. É, sim, do coração que vem a fé! É do coração que vem o amor! E não há espaço para a falta de amor no coração de quem tem fé!

Explica-se, portanto, a fé? Não! Apenas se crê! E a fé ilumina e faz enxergar o lado positivo, as possibilidades de sucesso e de vitórias, mesmo quando parece não existir nada de bom. Guardemos, portanto, a nossa fé e respeitemos a dos outros, ainda que não a entendamos!



Fotos Arquivo Pró-Memória

Todos os caminhos levam a Aparecida...

A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida comunica a gravidez da Virgem Maria. Na palavra “conceição” estão substanciadas a Encarnação do Verbo e a firme convicção de fé sob a condição privilegiada e única da gestação imaculada de Nossa Senhora. A veneração à imagem de Aparecida proclama as bem-aventuranças do Evangelho.

Os primeiros tocos pela “mística” do achado daquela pequena imagem foram três piedosos pescadores. Depois, seus familiares, vizinhos e, por meio deles, os que vieram conhecê-la atraídos pelas notícias sobre graças alcançadas. Não houve aparição, nem falas ligadas ao encontro da imagem, mas houve e há, desde então, a boa notícia: Deus revisitou o seu povo. Do Rio Paraíba ela veio, e do culto ela faz brotar um rio de graças, bênçãos e favores divinos.

Passados 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, Ela continua cada vez mais atraindo ao Santuário Nacional peregrinos, que a visitam: colocada em um nicho, para ela convergem todos os olhares. Em sua presença passam pessoas imersas em silenciosa contemplação espiritual. Emocionam-se até às lágrimas. Pedem graças ou por elas agradecem. Com delicado sorriso recebe seus visitantes. É a mãe que deseja congregá-los encaminhá-los para o Filho. Todos ali se sentem acolhidos por Deus diante de um símbolo tão frágil de Sua misericórdia.

Chamada para nos dar o Cristo, Maria é a intercessora do povo brasileiro nos 300 anos de graças e bênçãos no seu santuário.

Ao longo dos anos, os piquetenses, em diferentes ocasiões, sempre se dirigiram a Aparecida, como registram as fotos que ilustram este texto.



Década de 1940

Respeito e diversidade

Não quero ser repetitivo neste espaço. Mas, usando a frase pitoresca do Mino na Carta, “é de conhecimento até do reino mineral” que sou católico. Católico, Apostólico e Romano. Significando que tenho uma religião universal, apostólica pela ordem dada aos discípulos e com sede em Roma. Nessa Igreja fui batizado, nela cresci e ainda nela estou. Nela frequentei grupos de jovens, fiz Maranatha, Ovisa, Cursilhos, cursos diversos. Nela coordenei muitos Cursilhos, exerci liderança, falei muito aos noivos e fiz meu papel de leigo. Mas é preciso que saibam que, como todos, e talvez muito mais que todos, eu seja um pecador daqueles mais normais do mundo. Por pensamentos, omissões, atos e palavras. E até mesmo aqueles pecadinhos danados, que são por ignorância mesmo. Psiu! Dizem que a ignorância os transforma em não-pecados. Podem não ser, mas nos dá a maior vergonha saber de nossa ignorância. Para piorar tudo isso, confesso que não tenho sido ativo na fé que abracei. Nem mesmo cumprindo com o obrigatório semanal.

Assim, considero esclarecidos e tornados públicos esses detalhes de minha vida atual. E fiquem sabendo que estou parado ao lado de um homem que escreve com o dedo na terra e espero pelo apedrejamento. Pois bem! Você aí que lê estas linhas se

pergunta o porquê de escrever tudo isso ou como um amigo do trabalho me diz: conclua, conclua! Não faço ideia do número de religiões e seitas nesse planetinha minúsculo. Mas devem ser centenas. Milhares, talvez. Existem aquelas que ouvimos falar: Judeus – que, aliás, era o povo e fé de Jesus –, muçulmanos, budistas, hinduístas, sikhistas, taoístas, católicos, evangélicos, espíritas, umbandistas etc. Devo lembrar que muitas dessas denominações religiosas tem “filhotes” que vão surgindo ao longo dos tempos. Todos, desde pequenos, assim como eu, aprendemos que somos membros da religião certa e que leva a Deus. Não duvido que todos estejamos certos. Todos?, você me pergunta. Ah, penso eu agora, você deve estar dizendo por debaixo dos caracóis caetânicos de seus cabelos: “Houston: we have a problem!”. Caro astronauta da Apollo 13 no momento perdido no espaço: Sim! Essa afirmação abala nossa fé? “Óquei” meu caro escrevinhador (não procure por ‘escrevinhador’ no Aurélio) – diria vossa mercê –, e daí? Conclua! Quando lemos que o Supremo Tribunal Federal decidiu que escola pública pode promover crença específica em aula de religião, temos aí um hiato. Essa lacuna nos leva a perguntar sem pestanejar: qual religião? A sua? A minha? A dele? A de nenhum de

nós? A que a prefeitura da cidade, o governo estadual ou federal decidirem? Ou será que pretendem que tenhamos a escola judia, a budista, a católica, a evangélica etc? Uma em cada esquina? Entende-se que as escolas particulares e confessionais, independente da religião, são assim: con-fes-sio-nais. Os pais matriculam os alunos e pagam se quiserem. Mas a escola pública é por acepção do próprio nome, de uso comum, de posse coletiva. Não pode ser desse grupo ou daquele grupo. Dessa religião ou daquela religião. O mundo é plural. O mundo é diferente. O mundo é colorido. As pessoas também são assim. É engraçado, pois os líderes fundadores, deuses ou semideuses (com ou sem D maiúsculo – dependendo de vocês) sempre pregaram a unidade na diversidade. Nos lugares onde existem castas sociais e religiosas existe o conflito, o medo e a dor. Não podemos nos deixar separar nas escolas ou impor ao outro nossa religião. Nem a minha, nem a sua. Seja lá qual ela for. Há tanta coisa bonita em todas as religiões. Tanto temos a aprender uns com os outros. Vi outro dia uma charge que um grupo gritava: – O que queremos? E o outro ao lado respondia: – Destruir o que não entendemos! Pois bem: Que vençam o respeito e a diversidade!

Luiz Flávio Rodrigues

Romaria

Um registro para a História Oral

Anualmente passa por Piquete a romaria que de Varginha (MG) vai a Aparecida do Norte, em demanda do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Refiro-me à romaria exclusivamente masculina realizada a pé por cerca de 370km, com seis dias de percurso. Outra romaria feminina faz um percurso mais reduzido nas mesmas condições, ou seja, basicamente a pé, e, como nessa, com acompanhamento de equipe de apoio. Na organização de apoio estão incluídos dois padres, dois médicos, dois enfermeiros e dois guias (João e Welder), como particularmente foi possível constatar nessa recente passagem por Piquete, no dia 21 de março de 2005. Vi passarem a pé os dois jovens padres.

Conversei com um dos guias – João Batista Ribeiro –, que, seguindo à frente, de moto, verifica os caminhos, anota ocorrências, refaz percursos, quando necessário, para buscar socorro, verificar acontecimentos relativos à saúde e equilíbrio dos caminhantes e para preparar a chegada aos pontos de encontro previstos no roteiro. Contou-me sobre o código de honra dos caminhantes, cujas regras, de conhecimento de todos, vão desde os cuidados higiênicos e salutareis até os de natureza comportamental geral, por exemplo, consumo de bebidas alcoólicas, relações fortuitas com elementos estranhos ao grupo, principalmente envolvendo ocasionais flertes. Cabe aos guias apenas anotar as ocorrências; não chamar a atenção direta, nem corrigir, pois as avaliações serão feitas no final da caminhada. Uma leve advertência pode caber, mas no limite de três a falta se configura, justificando punição. Ou seja, não aceitação nas fileiras da nova romaria. O que, para quem preserva a tradição, é um duro castigo.

Observa-se, entretanto, na passagem dos grupos – alguns formam conjuntos, outros separados – que o bom humor está presente,

a camaradagem alegre e, como diz o João, o espírito irmanado na figura de Nossa Senhora Aparecida, motivação do evento e sua única razão.

Chegar a Aparecida a pé é o ideal dos participantes, ainda que alguns precisem do apoio do carro-ambulância ou do caminhão do CTI (Centro de Tratamento Intensivo). Soube que saíram do ponto inicial, em Varginha, 870 inscritos. Serão recontados no final, para avaliar se todos os inscritos realmente seguiram e de que maneira completaram o percurso. Disse-me meu entrevistado que há uma estatística realizada a cada evento, fonte de informação para o seguinte.

A romaria dispõe de uma diretoria constituída de um supervisor com funções definidas no planejamento, execução e resultados obtidos. O abastecimento e a cozinha são garantidos, transportados por carretas.

Perguntei ao João sobre os caminhos, dos quais ele me contou: são rupestres, isto é, preferem-se os de terra, evitando-se o asfalto. Sob chuva ou sol, ou madrugadas ainda estelares, eles seguem na demanda de seu voto, animados pela Senhora Aparecida, com referências impressas em suas camisetas uniformizadas.

Um bastão ajuda muitos caminhadores. Assim também uma canequinha de alumínio amarrada na cintura. Uma capa de chuva, de material leve, bem dobrada, é por muitos colocada a tiracolo, para as emergências. A entrada em Piquete, a partir da fronteira São Paulo – Minas Gerais é feita pelo Pico do Cabrito, de onde descem por um trilho primitivo, provavelmente percorrido há séculos pelos mesmos motivos ou eventuais outros, em demanda de outros caminhos, permitidos ou não. De longa data, pelo menos desde o século XVIII, as romarias a pé para Aparecida eram realizadas e a obrigação do pagamento de dízimos pela comemoração da Páscoa as justificava, além

do preito de homenagem e devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Afinal, o culto à Virgem sempre existiu, pelo menos desde a Idade Média entre os portugueses, que para aqui o trouxeram. Com a designação de Aparecida, foi reforçado pelo imaginário, difundido pela tradição oral, tornada documento escrito da aparição e encontro da imagem nas águas fluviais do Paraíba.

Conversando com João, soube que a romaria masculina se faz sempre nos dias que antecedem a Páscoa e deve atingir Aparecida no dia imediato ao que dá início ao tríduo pascal, ou seja, na quarta-feira da Semana Santa, quando chegam bem cedo a Aparecida e se dirigem ao santuário em procissão, para a missa, levando a imagem da santa. Tudo é documentado, fotografado e filmado, para ser exibido por vídeos e TV.

Assim, uma tradição é mantida e transmitida de pais para filhos – a romaria é antiga, dizem os participantes, e dela eles têm orgulho. Por ela revelam homenagens.

Vê-los caminhando pelas ruas de Piquete no fim da manhã, vindos da serra, via Tabuleta, é uma visão fixadora de memória, ou seja, de permanência de referente cultural. No percurso do vale do Benfica e do Piquete, tendo ao fundo a encosta da Mantiqueira e das conhecidas elevações, remete-nos ao tempo imemorial no qual os ancestrais construíram nas mentalidades um cotidiano de fundamento como alicerce, base e raiz.

Dóli de Castro Ferreira

Nota: No mesmo dia, duas outras romarias passaram: uma de Elói Mendes, cidade vizinha de Varginha, com cavaleiros, oportunidade para o guia João discorrer sobre a utilização de burros e cavalos nos percursos serranos ou de dificuldade dos terrenos, preferindo-se os primeiros aos segundos; e outra, a pé, emblemática por outras camisetas uniformizadas, aparentemente de menor monta e organização. (Entrevista com senhor João Batista Ribeiro, de Varginha, em 21 de março de 2005).

